

O sono de um príncipe: as noites da infância de Louis XIII

PHILIPPE MARTIN

RESUMO: No século XVII, o médico Jean Héroard manteve um diário excepcional: o da saúde do jovem Luís XIII. Por detrás da vida do príncipe, descobrimos toda uma sociedade, com os seus remédios, as suas angústias, a sua percepção da alma... Descobrimos também que, segundo as palavras do médico Scipion Dupleix, “o sono é como uma barreira entre a vida e a morte”.

PALAVRAS-CHAVE: Sonhos. Medicina. Pesadelos. Rei da França. Sono.



Le sommeil d'un prince: les nuits de Louis XIII enfant

ABSTRACT: In the 17th century, the physician Jean Héroard kept an exceptional diary: that of the health of the young Louis XIII. Behind the prince's life, we discover an entire society, with its remedies, its anxieties, its perception of the soul... We also discover that, in the words of the physician Scipion Dupleix, “sleep is like a barrier between life and death”.

KEYWORDS: Dreams. Medicine. Nightmares. King of France. Sleep.

PHILIPPE MARTIN

Professor na Universidade de Lyon 2.
Pesquisador no Laboratório de Pesquisa
Histórica Rhône-Alpes (LARHRA).
E-mail: philippe.martin@univ-lyon2.fr

DATA DE ENVIO: 09/01/2025

DATA DE APROVAÇÃO: 12/03/2025

1 Introdução

Parafraseando Aristóteles, Scipion Dupleix explica que “o sono é como uma barreira entre a vida e a morte” (Dupleix, 1606).¹ Os homens do século XVII questionavam esse terço da vida com curiosidade e ansiedade. O que acontece lá: o espírito é livre ou permanece preso no corpo? O descanso é de origem divina ou demoníaca? Os espiritualistas são cautelosos com relação a ele. A irmã Marie-Jacqueline Favre († 1637) tinha tanto medo de que seu corpo cometesse pecados durante a noite, que fosse entregue aos demônios da carne, que se privava de dormir. Muitos beneditinos abandonaram quase totalmente o descanso. Dom Armand-Jean Le Bouthillier de Rancé fazia longas vigílias e Dom Claude de Granier frequentemente interrompia seus breves cochilos para administrar a disciplina (Martin, 2011, p. 277-289). Perante estes extremos, Francisco de Sales desenvolveu uma visão mais pacífica. A uma viúva que lhe perguntou sobre uma regra de vida, ele explicou:

Não se deve oprimir o espírito à custa do esforço físico (...) eu durmo muito bem, mas apenas o que é necessário para mim, e eu quero que nós façamos o mesmo (...) não se deve, por tão pouco, desgastar-se (...) porque assim, não valem nada ao longo do dia (De Sales, 1629, p. 210).

Tempos de perigo ou momento de reconstrução: é entre essas duas realidades que o século XVII hesita quanto a qualificação do sono.

Esta questão animou debates de religiosos e de apaixonados pela medicina, mas também interessou a população como um todo. Não há registros de colecções de sonhos ou do estado das noites.² Portanto, um documento como o Diário de Jean Héroard (1989) é excepcional. Médico do jovem Luís XIII, nascido em 27 de setembro de 1601, descreve o estado de saúde do seu paciente

1 Scipion Dupleix (1569-1661) foi conselheiro e advogado do rei na Corte Presidencial de Condomínio; Mestre dos Pedidos da Rainha Margarida.

2 Isso existe para outras épocas. Durante a Segunda Guerra Mundial, Charlotte Beradt (1901-1986) coletou 300 sonhos de mulheres e homens comuns, um meio de analisar a devastação do totalitarismo no livro *Rêver sous le IIIe Reich* (Beradt, 2004). Desde 1995, o artista Virgile Novarina guarda frases e desenhos que desenha enquanto dorme, tendo hoje cerca de 4.500 deles gravados e seu livro *L'aile a dit une chose. C'est vachement important* (Novarina, 2006).

com grande perícia. A crônica das suas noites não é apenas uma oportunidade para descobrir a vida privada do príncipe, ela permite compreender o pensamento de uma época. Além disso, é o momento ideal para ver um médico interrogar o corpo e a mente de um jovem rapaz.

2 A hora de dormir

A hora de dormir não é brutal. Ele é preparado para todo um cerimonial familiar pois, como dizem os médicos, deve-se ir para a cama “com o espírito tranquilo e relaxado”.³ Quando é possível, Luís vai até os pais para conversar um pouco com eles, e, às vezes, beijá-los. Depois, ele vai para o seu quarto por volta de oito ou oito e meia, ele brinca calmamente antes de “mijar”. O médico desenha alguns retratos domésticos muito doces. No dia 29 de julho de 1614, ele escreve: “Vai até a rainha, retorna às nove horas e um quarto... É mantido acordado até dez e um quarto. Ora a Deus. Ao som de alaúdes e vozes, adormece das dez e quinze até às sete e meia” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2221). Desgastado pelo cansaço, por vezes adormece no colo de sua ama⁴ ou de Madame de Montglat.⁵ A presença de empregados domésticos e parentes é comum para crianças de boas famílias, como Nicolas Goulas, que ingressou no colégio em 1612 e era acompanhado por um criado a seu serviço na hora de dormir (Goulas, 1995, p. 73).

A partir de outubro de 1606, Luís tinha idade suficiente para que este ritual evoluísse. A oração é imposta a ele. Em 31 de outubro de 1606, ele “adormeceu, tendo orado a Deus” (Héroard, 1989, v. 1, p. 1099). Era difícil fazê-lo em tenra idade porque, para os contemporâneos, este exercício só interessa pelo exame de consciência que envolve. Segundo um educador, os fiéis aproveitam isso para

3 Publicado na Inglaterra em 1621, *Anatomie de la mélancolie* (Burton, 2000) não foi traduzido para a língua francesa no século XVII, mas obteve um grande êxito nas livrarias (cinco reedições nos trinta primeiros anos após sua publicação). O livro fornece um panorama muito completo das práticas e dos remédios utilizados naquela época.

4 É o caso do dia 1º de junho de 1606.

5 É Françoise de Longuejouse, esposa de Robert de Harlay, governante do príncipe. Ele adormece no colo dela, por exemplo, no dia 14 de outubro de 1606.

“corrigir-se inteiramente de todo o mal que fazem e aperfeiçoar-se no bem que fazem de forma imperfeita” (Pic, 1690, p. 164). Por iniciativa própria, o menino muda seus hábitos, exigindo que lhe toquem músicas⁶ ou que lhe contem histórias.⁷

Parece-me que não foram utilizadas as estratégias mais comuns, como ouvir o som de gotas em uma bacia⁸ ou ouvir sons leves.⁹ Héroard não participa, pelo menos no seu diário, dos debates da sua época sobre beber alguma coisa antes de dormir, tal como, cerveja misturada com noz-moscada; um copo grande de água moscatel com torradas e noz-moscada; um posset, que é uma bebida preparada à base de leite misturado com álcool ou água com um pouco de vinagre. São favoráveis a estas práticas Donato-Antonio Altomari (1506-1562, médico napolitano) e Jerônimo Mercuriali (1550-1615, médico italiano de Maximiliano II); opõem-se a elas Salustio Salviani (médico italiano ativo por volta de 1570-1580), Hércules da Saxônia (1551-1607, médico italiano professor em Veneza) ou Elianus Montalto (falecido em 1616, médico judeu português de Catarina de Médici).

É, portanto, natural que Luís XIII adormeça. Segundo as teorias aceitas no início do século XVII (Dupleix, 1606), nesta fase os cinco sentidos externos estão necessariamente adormecidos, ou “vinculados” conforme a expressão da época: visão, audição, olfato, tato e paladar. O ideal seria que os três sentidos internos (bom senso, imaginação e memória) ficassem igualmente inertes, mas a experiência mostra aos médicos que eles nunca se desligam completamente. O corpo é, portanto, cuidadosamente examinado em busca de sinais clínicos de repouso. Em 1º de junho de 1606, Héroard (1989, v. 1, p. 972 e p. 1091) notou que o pulso de Louis tinha

6 É o caso, por exemplo, de 13 de outubro de 1606 ou de 3 de novembro de 1614. A música antes de dormir é aconselhada por vários médicos, como o antuerpiano Marsile Ficin (1433-1499).

7 É o caso, por exemplo, do dia 15 de maio de 1610 ou 11 de novembro de 1614.

8 Procedimento preconizado, por exemplo, por Laurent Joubert (1529-1583), médico francês Chanceler da Universidade de Montpellier, no capítulo 10 do seu livro *Medicinae practicae priores. Libri Tres* (Joubert, 1572).

9 Na sua obra *Varii de naturalibus rebus libelli* (1590), Bernardino Telesio (1509-1588) filósofo neo-platônico italiano, explica que: “um embalço suave, o silêncio e a escuridão, assim como a vontade, provocam o sono”.

as seguintes características: “cheio, igual, pausado, calor suave”. No dia 13 de outubro do mesmo ano, estava “relaxado, uniforme, pausado, calor suave”.

O médico sabe, porém, que esse estado, sinal de sono reparador, é frágil. A máquina corporal impõe, de fato, os seus ritmos que perturbam as noites. Louis experimenta isso. Em 12 de dezembro de 1608, ele acordou às 4 horas da manhã com “pede para fazer cocô” (Héroard, 1989, v. 1, p. 1551). No dia 17 de fevereiro de 1612, às 3 horas da manhã ele tem vontade de “mijar” (Héroard, 1989, v. 2, p. 1995). No dia 24 de abril de 1612, a uma hora da manhã, ele “disse que pensou em estar nas Tulherias e mijar ao acordar” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2014). Os elementos exteriores exercem, igualmente, um papel essencial. O frio o acorda a uma hora, em dezembro de 1609; o calor, em 26 de julho de 1612, uma hora da manhã, depois às três horas, ou no dia oito de agosto de 1612.

Quando acontece uma doença, as reações se agravam, o corpo reage com força às febres e às dores. No final de outubro de 1616, e durante quase três semanas, Luís sofre de violentas dores de estômago que não lhe deixam descansar de modo algum, acordando frequentemente por volta da meia-noite. Os incidentes sobrevindos no dia 3 de novembro são exemplares.¹⁰ Ele foi acordado por queimações, a criança recebeu uma “uma infusão aromatizada com suco de limão”, e, em seguida, água quente com xarope feito de água de rosas e açúcar. Ele saiu de sua cama e acabou adormecendo sobre duas almofadas. Uma hora mais tarde, a dor era insuportável. Imediatamente, foi aplicado um creme ao redor do umbigo. Isto apenas aliviou a dor. Às duas horas da manhã, foi-lhe administrado um clister de soro de leite. Ele também bebeu uma decocção de cevada composta de mel roxo e duas gemas de ovo. Trinta minutos depois ele vomitou tudo e voltou a dormir. Novo despertar às 3h45. Ele come um pão torrado embebido em água e xarope de água de rosas com açúcar. Ele se levanta, caminha e adormece quinze minutos encolhido na cama dos empregados. A cena se repete três vezes até de manhã cedo. Uma noite terrível, mas sem mistério para Héroard, a doença fez o seu trabalho.

10 É o caso do dia 3 de novembro (Héroard, 1989, v. 2, p. 2412-2413).

3 As noites más

As inúmeras noites de inquietação sem despertares inoportunos são mais enigmáticas. Convencido de que a qualidade do sono é o eco da saúde do seu paciente e o reflexo dos seus dias, Héroard examina cuidadosamente Luís XIII, notando regularmente: ele “dormia com ansiedade”.¹¹

No dia 26 de março de 1607, a criança grunhiu várias vezes durante o sono, abrindo os olhos, abatido, antes de voltar a dormir. Às vezes ele grita. Em 28 de outubro de 1607, ele acordou às 6 horas implorando “Ei, me leve para a cama de Doundoun” (Héroard, 1989, v. 1, p. 1322). Nos braços de sua ama, ele se acalma e brinca tranquilamente até as 7h45. No dia 20 de novembro, foi apenas na cama de Madame de Montglat que ele recuperou um sono leve. A cama do Sr. de Souvré é um refúgio às 2 horas, no dia 30 de maio de 1609 ou 1º de outubro de 1609.

Quando os braços amigáveis não são suficientes para fazê-lo voltar a dormir, o médico usa “julep rosat” misturado com água¹² ou “águas de buglosse e de chien-dent”.¹³ O primeiro é um excipiente. Em um vaso de barro ou faiança esmaltada, coloca-se uma camada de pétalas frescas e depois uma cama de açúcar, alternando assim até ao gargalo; neste conjunto colocamos um pires ou uma tábua que suporta um grande peso. Depois de alguns dias a calda aparece. Ela é rica em taninos, é adstringente e é recomendada para uso interno em casos de diarreia. O segundo é feito com um terço de erva de buglosse¹⁴ e dois terços de água, sendo o todo destilado. É utilizado como emoliente, suavizante da pele, ou internamente como expectorante em casos de diarreia. A água de chien-dent é um “refrescante”, ou seja, um laxante. Ao utilizar estas preparações, Héroard considera, portanto, que o sono insatisfatório está

11 Ver, por exemplo, o dia 1º de julho de 1618, o dia 2 de julho de 1627 ou o dia 25 de julho de 1627 (Héroard, 1989, v. 2, p. 2548, 2992, 3000).

12 É o caso dos dias 22 de janeiro de 1613 e do dia 10 de outubro de 1616 (Héroard, 1989, v. 2, p. 2089, 2403).

13 É o caso do dia 28 de setembro de 1613 (Héroard, 1989, v. 2, p. 2145) ou do dia 24 outubro de 1613.

14 O bugloss, conhecido como bugloss italiano ou azulado, é uma espécie de planta herbácea que cresce nos prados temperados da Ásia e da Europa. Suas folhas são tomentosas e suas flores são de um azul muito vivo.

principalmente ligado à má digestão ou ao desconforto gástrico. Neste ponto, ele segue os hábitos de seus colegas para quem os sonhos variam de acordo com o humor e a alimentação¹⁵.

No entanto, ele não relata nenhum sedativo ou remédio para dormir. A descrição da farmacopeia é, contudo, muito rica. Em primeiro lugar, existem os simples: papoula, nenúfar, violeta, rosa, alface, mandrágora, meimendro, erva-moura, açafraão, semente de cânhamo, noz-moscada, salgueiro... Giambattista Da Monte (1489-1551, médico italiano em Pádua) no seu *Consultationum medicarum* recomenda as virtudes aromáticas do ópio, do vinagre e da água de rosas. Os remédios compostos são numerosos, à exemplo dos xaropes de papoula, violeta e verbasco são tomados com água destilada. Para fazer láudano de Paracelsus, combinamos 2 ou 3 grãos de láudano e uma dose de diascórdio. As virtudes do opiáceo de Nicolau de Myrepse¹⁶ são cantadas por Martin Ruland (1532-1602), médico do imperador Rodolfo II, em seu *Curationum empiricarum et historiarum* (1578). Para acalmar quem dorme, suas têmporas são ungidas com esse opiáceo, muitas vezes associado ao óleo de extrato de noz-moscada ou expresso em água de rosas.¹⁷ Outros sugerem massagear a cabeça e as narinas com pomadas de alabastro e choupo; se a insônia persistir, adicione grãos de ópio misturados com açafraão ou dissolvidos em água de rosas. O médico italiano Giovanni-Battista Codronchi (1547-1628) aconselha colocar sachês contendo mandrágora, meimendro¹⁸ ou rosa sob a cabeça de quem dorme. Existe, ainda, a opção mais radical, o absinto, cujo cheiro, nas suas palavras, “induz o sono” (Codronchi, 1610).

Héroard não relata esses remédios, alguns dos quais poderiam ser adaptados a uma criança. Na verdade, ele parece compreender seus limites porque, muito frequentemente, dá explicações não

15 Ideia apresentada, em particular, pelo médico Julius César Scaliger (1484-1558).

16 Médico grego que escreveu em 1290 um *Antidotarium*.

17 Muitos desses remédios são registrados em Burton (2000, p. 1152-1555).

18 Meimendros são plantas pertencentes ao gênero *Hyoscyamus* e à família Solanaceae. Duas espécies são conhecidas na Europa: o meimendro branco, específico da bacia do Mediterrâneo, e o meimendro preto, muito mais comum. Ambos são tóxicos porque contêm vários alcalóides, como atropina, hiosciamina e escopolamina.

mecânicas para os distúrbios do sono. Muitos dos seus colegas partilham esta concepção, mas divergem quanto às razões dos problemas. Jean-Jacques Boissard (1528-1602) explica que eles vêm do feitiço resultando em uma “noite ruim” (Boissard, 1615). Menos crédulos, outros culpam a dor, o medo, as expectativas, as ansiedades, sobretudo “a melancolia sentimental” (Burton, 2000, p. 1282). Héroard prefere considerar os acontecimentos do dia, acreditando que acontecimentos fortes se refletem nos sonhos. Então, em 29 de setembro de 1613, Luís acordou suando às 3 da manhã e, em seguida, às 4h30. O médico imediatamente encontra uma explicação. Na noite anterior, a criança teve uma discussão violenta com sua mãe, que o proibiu de ouvir peças tocadas no alaúde. Irritado, Louis ameaça não ir vê-la por dois dias inteiros. Durante o sono, a mente teria imaginado as consequências dessa alteração. Os suores e os tremores noturnos seriam apenas “a apreensão do chicote, ao qual, na véspera, ele havia respondido a R.” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2145). Assim, embora o corpo pareça estar em repouso, uma vida oculta anima o espírito.

Os movimentos não são os únicos sintomas de uma vida noturna da mente. O jovem rei fala enquanto dorme. No dia 25 de julho de 1613, às 2h, nota-se: “ele fala meio adormecido, pega o penico e começa a mijar sem perceber” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2131). As frases de quem dorme são comumente estruturadas de tal forma que são anotadas: em 26 de setembro de 1613, o médico registra “dê um dinheiro a Hurles” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2131)¹⁹; em 24 de outubro de 1613, “dê a ele o que comer, o que você o dará para comer?” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2152); em 28 de outubro de 1613, “Eu tenho quinze, jogue” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2153); em 6 de março de 1614, “arremesse esse chapéu sobre a muralha. Ei, arremesse sobre o rio que passa em Bayone, que nós não colocamos na Bastilha” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2188); em 15 de agosto de 1614, “Dê-me o meu relógio e rápido” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2225); em 8 de setembro de 1614, “quantos você quer, quais você quer” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2232). O espírito está tão próximo da consciência que é possível estabelecer um diálogo. Em 13 de abril de 1621, à 1h da manhã, a criança grita, “Meu Deus, meu

19 Hurles é um dos criados do jovem rei.

Deus, eu coloquei todos os meus pássaros atrás da cabeceira da minha cama. Todos eles voaram para longe”. Para acalmá-lo, seu primeiro criado murmura-lhe: “Senhor, durma, todos eles voltaram” o que é suficiente para fazê-lo dormir novamente (Héroard, 1989, v. 2, p. 2750).

Através de palavras ou gestos, o corpo torna-se o porta-voz de uma mente que expressa os medos ou esperanças de quem dorme. Quando pode, Héroard questiona, então, Louis em seus sonhos, porque pensamentos agradáveis são garantia de um sono reparador; já preocupações ou medos, de cansaço ou doença.

4 A mente em vigília

O sonho não é apenas um acidente, as manifestações de uma mente liberta que revive caoticamente o dia ou que alegoriza ansiedades e expectativas, é uma coisa natural sobre a qual falamos. O assunto foi discutido durante o jantar de 4 de fevereiro de 1612: “O senhor de Longueville fala de visões e sonhos. O Rei conta algumas de suas próprias histórias” (Héroard, 1989, v. 2, p. 1993). Luís XIII sabe que sonhos doces e agradáveis são a garantia de um sono reparador, afirmou isso com veemência em 12 de julho de 1606 (Héroard, 1989, v. 1, p. 1004). Quando ele não fala espontaneamente, o médico o questiona; em 5 de junho de 1612, pode assim constatar: “ter dormido com sonhos até sair aos pés da cama” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2026).

Os sonhos de uma criança pequena são bastante simples. Em primeiro lugar, são animais mais ou menos fantásticos. Em 12 de julho de 1606, ele explicou ao seu médico que imaginava que “um coelho pegava um filhote de lebre e depois o coelho e o filhote de lebre quiseram pegar uma lebre” (Héroard, 1989, v. 1, p. 1004). Em 8 de setembro de 1614, ele se lembrou de ter visto peixes voadores enquanto dormia.

A partir de 1610, seus sonhos foram mais construídos, parecendo projetá-lo num cotidiano distorcido e intensamente revivido. Na manhã de 13 de outubro de 1611, ele conta: “Pensei que estávamos caçando, que me perdi, que cheguei a um celeiro onde encontrei um homem, perguntei se ele queria que eu ficasse na

casa dele, era uma casa pequena, entrei e vi personagens na cozinha girando o espeto, ri tanto, ri tanto” (Héroard, 1989, v. 2, p. 1960). Em 7 de fevereiro de 1617, ele imagina toda a noite que tem uma espada na mão.

Toda emoção forte ao longo do dia é reinterpretada em sonhos, isto representa uma oportunidade para quem dorme ocupar um lugar privilegiado no desenrolar dos acontecimentos dos quais foi simples testemunha enquanto estava acordado. Na noite de 11 de setembro de 1610, depois de ter assistido às Vésperas, algumas horas antes, Louis levantou-se da cama e, ainda dormindo, exclamou: “*Credo in deum protectorem meum*” (Héroard, 1989, v. 2, p. 1820). Esses serviços o perturbaram tanto que, no dia 18 de junho de 1613, às 2 da manhã, ele falou “em latim” durante o sono (Héroard, 1989, v. 2, p. 2123). É possível, ainda, citar vários outros eventos, mais extraordinários ainda, que impressionam sua imaginação. Tal como o ocorrido no dia 6 de março de 1612, quando estava indo ao Carrossel, observou um incêndio em uma torre perto da Pont Neuf. Ao acordar no dia 7, “disse que sonhou toda a noite no incêndio que ajudava a apagar, e que viu lanças a partirem-se como tinha feito no Carrossel” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2000).

A partir de abril de 1614, as noites do rei passam a ser agitadas e atormentadas. Seu imaginário noturno é estruturado de forma mais complexa, com sonhos longos e precisamente organizados. No dia 15 de maio de 1614, ele sonha que ele tinha encontrado um “monge bêbado que segurava um diabinho negro parecido com um macaco por uma coleira em volta do pescoço”, ele convence o monge a lhe dar o pequeno ser para assustar Madame de Guise, mas o oferece à rainha para que ela mesma faça a brincadeira (Héroard, 1989, v. 2, p. 2203). Para o médico, essas são manifestações de uma mudança de estado que ele tem dificuldade de descrever. Em junho as noites são mais calmas. Mas, a partir do outono, os despertares repentinos voltam. Jean Héroard não duvida mais. Esta já não é a manifestação de contrariedades pessoais, mas a expressão de um processo demasiado rápido de saída da infância. As responsabilidades da vida adulta causam muita tensão na mente do jovem rapaz.

Os grandes eventos protocolares conduzem, frequentemente, a noites agitadas. Em 2 de outubro de 1614, o jovem Louis se apresenta ao Parlamento para ter sua maioridade declarada. Às 3h da manhã, ele acorda bruscamente. Interrogado por aqueles que estavam ao seu redor, ele “diz que tem a imaginação das cerimônias do dia anterior, da ordem, das rotinas, das idas, das idas de uns e de outros enquanto dorme; que isso perturba seu sono” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2237). A partir desse momento, muitas outras noites foram, também, agitadas. No dia 10 de abril de 1615, ele permanece várias horas em reunião com Grands, Guise, Maine ou Elbœuf. À 1h da manhã, ele acorda gritando; o médico avaliado: “foi porque a imaginação dele foi tocada pela cerimônia do dia anterior” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2289-2281).

Mas, muitas vezes, Héroard não tem nenhuma explicação. O médico observa movimentos, ouve palavras, sem poder atribuir-lhes o mínimo significado. O observador está impotente, vislumbrando um mundo imaginário ao qual não tem acesso. Então, ele se contenta em anotar. Em 31 de outubro de 1610, Louis grita aos prantos “Ei, eu não irei [...] Ei, eu não irei” antes de mergulhar, novamente, em um sono profundo (Héroard, 1989, v. 2, p. 1844). Em 20 de junho de 1611, ele murmura “Canta” e “sonha com a música” (Héroard, 1989, v. 2, p. 1929). No dia 9 de março de 1612, às 2h, ele “ajoelha-se na cama, sem acordar, gritando ‘Allon allon’” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2000). No dia 21 de março de 1613, durante três horas, ele “dorme inquieto, falando e, às vezes, chamando o Senhor de Souvré” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2104).

É ainda mais importante para Héroard observar estes elementos, pois podem tornar-se indicativos de saúde. De acordo com uma teoria comumente aceita, os sonhos têm duas causas (Dupleix, 1606, cap. 5, “causas dos sonhos”, f. 82-85). As primeiras causas são denominadas “exteriores”, sejam espirituais ou corporais. No primeiro caso, a intervenção divina “envia-nos revelações em sonhos imediatamente e de si mesma, sem nenhum ministério dos seus anjos”; no segundo caso, a mente de quem dorme fica agitada pela absorção de “coisas fumegantes ou vaporosas”, como repolho, vinho ou mandrágora. A outra origem dos sonhos, denominada “interior”, divide-se em “causas animais”, o que nos leva

a pensar nas atividades realizadas durante o dia, e em “causas naturais”, esta é relacionada, em particular, com a circulação dos humores. Desta maneira, interrogar Louis XIII é uma forma rápida de ter uma imagem de seu organismo. Ao longo do “primeiro sono”, “nós não sonhamos de modo algum” (Dupleix, 1606, f. 74r) porque, os vapores que sobem do estômago para o cérebro bloqueiam o processo ou os tornam incoerentes. Por outro lado, as imagens formadas no “segundo sono” são nítidas. É possível interpretar que ver, em sonho, procissões fúnebres, fuligem, brasas apagadas ou qualquer outra coisa preta são sinais de melancolia. Já, pensar em chuva, geada, gelo, neve ou água é “prova” de que o corpo tem muito catarro ou humores frios. Imaginar coisas vermelhas “vem de uma superabundância de sangue” (Dupleix, 1606, cap. 15, “como se estuda a saúde pelos sonhos”, f. 140v).

5 O mundo dos pesadelos

Essa agitação mental é normal e, ainda, quase útil ao médico. Mas ele perde seus meios quando as preocupações se transformam em pânico, em pesadelos que levam quem dorme a mundos atormentados. Muitas vezes são impossíveis de descrever, mergulhando a criança num medo incontável. Muitas vezes são impossíveis de descrever, mergulhando a criança em um medo incontável. Eles o afligem desde muito jovem. Ele acorda às 2h do dia 27 de novembro de 1607 “sem saber a causa do seu medo” (Héroard, 1989, v. 1, p. 1335). Em 18 de julho de 1612, ele está “acordado uma hora depois da meia-noite, assustado, com medo” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2036). Em 22 de outubro de 1613, às 3 horas da manhã, ele tem tanto medo que “mandou colocar suas duas criadas, as Irmãs de Hurles e Armaignac, em ambos os lados da cama” (Héroard, 1989, v. 2, p. 152). Em 29 de julho de 1614, à 1h da manhã, ele se recusa a voltar a dormir. Ele quer se vestir imediatamente para sair de um sono traumático. Ao longo de seu diário, Héroard relata esses episódios violentos que o preocupam.

Louis tem os pesadelos de uma criança, temendo punições de seus mestres ou coisas desconhecidas. O Senhor de Souvré, seu governante, inspira-lhe um medo que emerge em pesadelos. No

dia 20 de abril de 1609, Louis imagina que o Senhor de Souvré²⁰ o impede “que ele se vestiu com roupas de pajem” (Héroard, 1989, v. 2, p. 1601). Em 15 de março, no dia 15 de março, acorda repentinamente porque “pensou que o senhor de Souvré o chicoteava” (Héroard, 1989, v. 2, p. 1907). Tudo o que poderia lhe agredir ressurgiu durante o sono, mas de forma transformada. Em 2 de maio de 1614 é a memória do derramamento de sangue; mas, durante o sonho, apenas água fluiu de seu braço.

As quedas constituem o segundo espaço dos pesadelos, o dos fenômenos persistentes. No dia 31 de maio de 1606, Louis pensa “que eu estava em Fontainebleau que me afoguei com Doundoun na lagoa de Fontainebleau” (Héroard, 1989, v. 1, p. 969). Em 31 de julho de 1609, ele conta que tinha visto “um pequeno lago, que diziam ser em Roquete, onde eu pegava uma pedra e caía, em seguida, todos os homens que estavam lá, uns após os outros” (Héroard, 1989, v. 2, p. 1642). Em 24 de fevereiro de 1611, ele “diz ter sonhado em ter a cabeça enfiada em um buraco e não conseguir tirá-la” (Héroard, 1989, v. 2, p. 1997). A lembrança dessas quedas assombra a criança, que se abre sobre isso para quem lhe é próximo. Em 4 de fevereiro de 1612, confidenciou ao Sr. de Longueville: “Muitas vezes eu sonho que estou caindo e sempre é na Allée des Feuillants” (Héroard, 1989, v. 2, p. 1993). Em setembro de 1612, ele explica ao seu governante: “Eu sonhei que você tinha caído em um buraco com a minha ajudante [ajudante da ama], eu sofri tanto para tirar você, mas não consegui” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2049).

Algo que também se revela durante o sono, mais especificamente em relação ao jovem Louis XIII, é o relacionamento com o seu pai. Durante a vida de Henrique IV, ele temia ser abandonado ou negligenciado. Em 2 de outubro de 1606, participou de uma caçada ao veado e, de sua carruagem, acompanhou as façanhas do pai. A noite seguinte é assustadora. Ele acorda chorando à 1h. pela manhã e exclama: “Papai vai embora sem mim [...] Ei, eu quero ir com papai. Espera por mim papai”. Depois de cochilar, ele acorda às 5 da manhã e confidencia a sua ama: “Doundoun, é que

20 Gilles, marquês de Courtenvaux, governante do príncipe, futuro marechal da França.

eu estava pensando que estava caçando com o papai. Eu vi um lobo grande que queria comer papai, e outro que queria me comer, e eu saquei minha espada e matei os dois” (Héroard, 1989, v. 1, p. 1084). A morte de Henrique IV, em 14 de maio de 1610, atingiu-o profundamente. Em 17 de maio, ele disse a sua ama: “Doundoun, eu queria tanto que o rei, meu pai, tivesse vivido mais vinte anos, mas um malvado o matou” (Héroard, 1989, v. 2, p. 1769). Durante vários meses, essas imagens trágicas o obcecaram. Ele então acorda assustado, exigindo que dois guardas guardem sua cama. Héroard explica que “foi desde a morte do Rei, seu pai, que ele viu na cama”²¹ (Héroard, 1989, v. 2, p. 1960).

Héroard, aparentemente, não faz nada contra os pesadelos de seu paciente. Entretanto, há várias receitas para prevenir os maus sonhos. A seguir há uma lista dos conselhos da época para o momento anterior ao sono: não comer comidas pesadas, como as carnes de lebre, de veado ou de boi. Há ainda conselhos sobre a postura durante a noite, em particular nunca se deitar de costas. Por fim, é possível programar a mente com bons pensamentos, pois, segundo os médicos, “os homens sonham com a última coisa em que pensaram” (Burton, 2000, p. 904). Os contemporâneos também gostam de contar uma história relatada na Carta de Aristeu.²² Tendo Ptolomeu perguntado a 70 sábios o que fazer para dormir bem, o 19º disse-lhe para pensar nos deuses e nos céus, mas também para se comportar bem durante o dia.

6 Conclusão

Pacífica ou inquieta, a noite cede, finalmente, o passo à manhã. Em 2 de junho de 1606, Louis acorda depois de ter dormido de “nove e quarenta e cinco até às oito horas da manhã” (Héroard, 1989, v. 1, p. 972). Ele se deitou no mesmo horário, no dia 13 de outubro do mesmo ano, e abriu os olhos no dia seguinte “às sete horas da manhã” (Héroard, 1989, v. 1, p. 1091). No dia 31 de outubro, o sono

21 Menção para 13 de outubro de 1611.

22 Este texto seria uma pseudepígrafe datada da primeira metade do século II a.C. Diz a tradição que o Faraó convocou 72 sábios judeus para que escrevessem um texto compreendendo a totalidade da palavra divina.

teve quase a mesma duração, nesta noite ele “dormiu [...] de nove e meia até às sete da manhã” (Héroard, 1989, v. 1, p. 1099). Algumas noites foram mais curtas. No dia 4 de março de 1612, a criança acorda às 7h45 reclamando de falta de sono: “Teria dormido mais”, garante aos seus servos (Héroard, 1989, v. 2, p. 2000). A partir de 1606, os momentos de dormir e acordar-se foram enriquecidos com gestos de devoção. No dia 30 de julho de 1614, ele “acorda às sete da meia-noite, gentilmente [...] Reza a Deus. Às oito horas, toma o café da manhã” (Héroard, 1989, v. 2, p. 2221). Alcançando assim, as oito ou nove horas de sono diárias necessárias para um jovem rapaz, preconizadas por todos os médicos. Léonhardt Fuchs assegura que “entorpece as mentes e os sentidos vitais; enche a cabeça com humores grosseiros, causa descarga, fluxo, grandes quantidades de excrementos no cérebro”.²³

Para Héroard, investigar o sono do seu paciente não é uma demonstração de curiosidade equivocada. Este procedimento é um gesto que lhe permite refinar um diagnóstico, ele nos mostra toda a ambiguidade deste momento essencial da vida. O tempo de repouso, o sono, é também um prolongamento do dia, que revela as vezes uma perspectiva médica ou do espírito ou diz o que circula no corpo e o que a alma vivencia.

Tradução de Érica Sales Chaves

REFERÊNCIAS

- BERADT, Charlotte. **Rêver sous le IIIe Reich**. Paris: Payot, 2004. (reed.)
- BOISSARD, Jean-Jacques. **De divinatione & Magicis praestigiis**. Oppenheim: Hieronymus Galler, 1615.
- BURTON, Robert. **Anatomie de la mélancolie**. Tradução e apresentação por Bernard Hoepffner e Catherine Goffaux. Paris: José Corti, 2000.
- CODRONCHI, Baptista. **De Rabie, hydrophobia communiter dicta, libri duo, de sale absynthii libellus, de iis qui aqua immerguntur opusculum, et de elleboro commentarius**. Frankfurt: N. Bassaeus, 1610.

23 Comentários de Léonhardt Fuchs (1501-1566) reproduzidos em Burton (2000).

DE SALES, François. **Les Épistres spirituelles du Bien-Heureux François de Sales**. Lyon: Vincent de Coeursilly, 1629.

DUPLEIX, Scipion. **Les causes de la veille et du sommeil, des songes et de la vie et de la mort**. Paris: Laurent Sonius, 1606.

GOULAS, Nicolas. **Mémoires et autres inédits de Nicolas Goulas, gentilhomme de la chambre du duc d'Orléans**. Edição preparada por Noémi Hepp. Paris: Honoré Champion, 1995.

JOUBERT, Laurent. **Medicinae practicae priores**. *Libri Tres*. Lyon: J. Grégoire, 1572.

MARTIN, Philippe. A noite e o sono ou o lugar do corpo na experiência religiosa da Visitação no século XVII. In: BARBICHE, Bernard; LANGLOIS, Claude; VISMARA, Paola (dir.). **Por Annecy e pelo mundo: a ordem da Visitação, 1610-2010**. Annecy; Milão: Silvana Editoriale, 2011.

NOVARINA, Virgile. **L'aile a dit une chose**. *C'est vachement important*. Paris: Rapage Éditeur, 2006.

HÉROARD, Jean. **Journal de Jean Héroard**: médecin de Louis XIII. Organizado por Madeleine Foisil. Paris: Fayard, 1989.

PIC, Jean. **Maximes et reflexions sur l'éducation de la jeunesse où sont renfermez les devoirs des Parens & des Precepteurs envers les Enfants**. Paris: Veuve Sébastien Mabre-Cramoisy, 1690.

TELESIO, Bernardino. **Varii de naturalibus rebus libelli**. Veneza: F. Valgrisium, 1590.